

# “Literatura Chamisso”, a literatura alemã proposta por não-alemães

604

**Werner Heidermann**  
Universidade Federal de Santa Catarina

*A força de uma língua não está  
em rejeitar o estrangeiro, mas em  
devorá-lo.*  
Goethe

Elena Ferrante escreve numa entrevista concedida à revista alemã *Der Spiegel*:

Os grandes livros que vão surgir a partir dos movimentos migratórios contarão torturas horríveis e difíceis reformações. De lá chegarão histórias extraordinárias de tal forma que nós não sabemos mais como delineá-las. Mesmo escritas nas línguas dos países de destino, eu posso imaginar e espero muito que os traços das línguas de origem hão de permanecer identificáveis nessas histórias. (FERRANTE, 2016, p. 114)<sup>1</sup>

O que Ferrante<sup>2</sup> coloca tão ostensivamente no futuro (a alta frequência das formas do futuro é rara em alemão), na verdade já está acontecendo: sim, temos grandes livros a partir dos movimentos

---

1 Original: “Die großen Bücher, die aus den Migrationsbewegungen entstehen werden, werden von schrecklichen Qualen und schwierigen Neugründungen erzählen. Von dort werden außergewöhnliche Geschichten kommen, wie wir sie nicht mehr entwerfen können. Selbst wenn sie in den Sprachen der Ankunftslander geschrieben sein werden, kann ich mir vorstellen und hoffe ich, dass in ihnen die Spuren der Herkunftssprachen erkennbar bleiben werden.”

2 Ignoramos aqui a discussão a respeito da identidade da autora.

migratórios, sim, eles relatam torturas horríveis e reformações difíceis, sim, vêm histórias extraordinárias que a gente não é mais capaz de delinear e criar, sim, são contadas nas línguas dos países de destino, e, finalmente, sim, têm traços das línguas de origem.

Os “grandes livros” que Elena Ferrante menciona são, na sua maioria, livros volumosos. Autores do grupo de Chamisso, ou seja, autoras e autores que vivem, trabalham e escrevem na Alemanha sem ter o idioma alemão como língua materna, tendem a escrever em grande estilo, de maneira abundante e opulenta. Um exemplo é Nino Haratischwili, autora da Geórgia (Prêmio Chamisso de 2010). Seu romance se chama *Das achte Leben (Für Brilka)/A oitava vida (Para Brilka)*, é uma narrativa de mais de mil e duzentas páginas, e narra a saga da família Jaschi. O número de páginas seria um dado a negligenciar – se não fosse o conjunto da literatura épica do tipo Chamisso. Há uma vontade de proporcionar detalhes, um prazer em contar, em fabular, uma obsessão pelo relato de mistérios e anedotas, de ascensão e declínio, de vida pura e fatalidade total, de pompa e miséria, de tempos de glória e de tempos de precariedade. Algumas poucas vezes o romance beira o kitsch e cria movimentos conhecidos da telenovela. Busca-se neste artigo, porém, aprofundar o aspecto quantitativo da obra, lendo o romance em contraste com obras representativas da literatura alemã fora do espectro da literatura Chamisso.

Alguns dos romancistas alemães mais bem sucedidos das últimas décadas são Jurek Becker, Bodo Kirchhoff, Bernhard Schlink, Hans Ulrich Treichel, Uwe Timm, Daniel Kehlmann. Parece ser uma convenção entre os autores alemães que a forma romance hoje em dia constitua uma narrativa compacta, uma obra com aproximadamente 150 páginas, um texto refinado e, em primeiro lugar, lacônico. O típico romance alemão da atualidade é uma obra mono-temática, muitas vezes bastante pontual no seu enredo baseado em um momento da história alemã: Karl-Heinz, o irmão desaparecido na guerra (Timm: *À Sombra do meu Irmão*), Hanna, a guarda nazista que acompanha a *Marcha da Morte* (Schlink: *O Leitor*); Inge Lohmark, professora cínica de biologia na Alemanha Oriental pós-queda do muro (Schalansky: *O Pescoço da Girafa*); a dupla Alexander von Humboldt e Carl Friedrich Gauss (Kehlmann: *A Medida do Mundo*).

O livro de Nino Haratischwili, em contraposição, oferece a abundância dos detalhes na narrativa, uma infinidade de personagens, uma longa série de conflitos durante a vida de gerações e séculos do clã dos Jaschi. E assim é um exemplo dos “traços das línguas de origem” dos quais fala Elena Ferrante. É um exemplo dos traços da cultura de origem. Não é o estilo minimalista, econômico e “cool” da literatura alemã dos alemães, mas a expressão de uma cultura literária que, por muito tempo, não teve a liberdade de dizer tudo. O dizer tudo exige um espaço maior. A literatura dos imigrantes não se contenta com pinceladas, precisa do traço mais grosso. Ela não é o retrato de uma figura, mas a orquestra de povos, etnias e populações. Nesse sentido, a saga é o gênero literário que melhor se presta a esse contexto narrativo. As mulheres da família Jaschi têm a receita para preparar um chocolate quente com efeitos milagrosos; o fato de que a receita somente é ensinada entre as mulheres das diversas gerações ganha várias repetições e variações. Repetição e a variação redundante quase não têm mais lugar na literatura alemã contemporânea; a literatura se caracteriza por uma linearidade inédita.

Nino Haratischwili é um exemplo; outros são Ilija Trojanow e seu romance *Der Weltensammler/O Colecionador de Mundos* com mais de 500 páginas, texto transbordando em vários sentidos. É relato de viagem (a partir da figura histórica de Richard Burton), é um verdadeiro festival de interculturalidade e plurilinguismo. É Índia, é a Península Árabe e é África Oriental; é um romance até mesmo sinestésico. Embora não economize nos detalhes e nas descrições minuciosas, o romance não é prolixo em nenhum momento. Mais uma vez: narrativas dessa abrangência temática parecem exclusividade dos autores de fora. A perspectiva larga no romance alemão quase não existe mais desde as produções épicas de Heinrich Böll (*Ansichten eines Clowns/Pontos de vista de um palhaço*), Günter Grass (*Die Blechtrommel/O Tambor*) e Siegfried Lenz (*Die Deutschstunde/A aula de alemão*).

Ilija Trojanow nasceu na Bulgária, sua família fugiu, em 1971, para a Iugoslávia, da Iugoslávia para Itália, da Itália para Alemanha onde pediu asilo político, o que foi concedido. As migrações do autor ainda não chegaram ao fim. Em 1972, sua família se mudou para o Quênia, em seguida do Quênia para a Índia, e, por fim, para a África

do Sul. O romance *Der Weltensammler* quase reproduz o ciclo de mudanças e migrações do escritor, quando narra a carreira do oficial britânico Richard Burton com estadias na Índia, na Península Árabe e finalmente na África Oriental. Trojanow escreveu a obra em alemão e, pensando no quinto aspecto de Elena Ferrante, ou seja, nos “traços da língua de origem” fica patente a dificuldade de nomear uma única língua como a língua de origem de alguém tão extraordinariamente cosmopolita. Mas justamente este aspecto se torna visível no romance e por isso, sim, o romance tem traços das línguas de origem. Em certo sentido é a monocultura o que está em cheque nessa obra, a monocultura do estado nacional e igualmente a monocultura linguística. “Só havia uma única possibilidade de não desperdiçar sua vida: aprender línguas. Línguas foram armas.” (TROJANOW, 2010, p. 52) Países, etnias, rituais, idiomas - tudo aparece abundantemente no plural. A monocultura como a exceção. A cultura diferente se manifesta nas percepções bastante diversas. Fala-se, na primeira parte do romance, de uma casinha bastante humilde e sua descrição é assim: “uma bela casa mas muito pequena, só um pouco mais larga do que uma vaca” (TROJANOW, 2010, p. 57) - fica claro que estamos na Índia. No primeiro ano da sua estadia o oficial pretende aprender Hindustani, Gujarati e Marathi e Sânscrito, ainda seguirão muitos outros idiomas indianos. Uma outra percepção: Upanitsche Saheb, o professor de Burton, explica que somente vai aprender Gujarati quem come como um Gujarati - uma relação de pouca probabilidade no ideário ocidental.

É também improvável que um romance ocidental contenha um trecho em língua estrangeira que não seja traduzido. Burton e seu professor viajando à noite:

Purna-madaha - Purna-midam - Purnaat purnam udatshyate - Purnasya purnam-aadaaya - Purnameva avashishyate. - Isso soa bonito, Guruji. Com esse tipo de mantra eu estou afim de cavalgar a noite inteira com você. - Ô, não vamos exagerar. O que é que eu lhe ensinei? Moderação. Você não quer saber o que significa o mantra? - Não preciso, certamente a tradução vai soar menos convincente. O professor finaliza a conversa dizendo: Você tem toda razão, faça assim, simplesmente decore este mantra. O significado se dará depois. Vai ter efeito, você vai ver. (TROJANOW, 2010, p. 94s.)

É um de inúmeros exemplos do luxo de investir quase exclusivamente na estética da linguagem - o significado como elemento

secundário, útil talvez para o ocidental preso na percepção cognitiva. A obra de Trojanow é uma daquelas “histórias extraordinárias” de Elena Ferrante que o ocidente dificilmente teria capacidade de delinear e de criar. Trojanow arrisca mudanças espetaculares de perspectiva, o seu ponto de vista é diferente da maioria dos autores ocidentais. Ele narra em língua alemã e a partir do exótico e do histórico. A perspectiva não é nem um pouco deficitária, pelo contrário, é o professor indiano do início do século 19 o dominador do discurso. E é o inglês a vítima do humor indiano: “Um hipódromo e três bordéis. Do que mais um inglês precisa?” (TROJANOW, 2010, p. 110)

Haratischwili e Trojanow são dois escritores introduzidos aqui à guisa de ilustrar a chamada literatura Chamisso, conceito relativamente recente dentro da historiografia da literatura de expressão alemã. A reflexão a respeito da relação entre o próprio e o estrangeiro tem raízes profundas no ideário alemão.

“A força de uma língua não está em rejeitar o estrangeiro, mas em devorá-lo.” (GOETHE, 1982, p. 508). Conhecemos este aforismo de Goethe como uma das pedras fundamentais do seu conceito de “Weltliteratur” e, igualmente, do projeto romântico-utópico de traduzir tudo de todos os idiomas para todas as outras línguas. Goethe não tardou a observar, ainda metaforicamente, o lado mercadológico do conhecimento de uma língua quando ele escreve: “Os alemães contribuem há muito tempo para uma mediação e um reconhecimento mútuos. Aquele que compreende a língua alemã encontra-se no mercado em que todas as nações apresentam suas mercadorias.” (GOETHE, 1982, p. 508)

O trecho é discutido por Antoine Berman em *L'épreuve de l'étranger* e é retomado por Pascale Casanova em *La République mondiale des Lettres*. Os dois teóricos se reportam às manifestações de Goethe no contexto limitado da tradução. Poucas décadas depois do lançamento das duas obras as reflexões ganham uma dimensão nova. O “mercado” alemão continua se mostrando extremamente aberto para traduções das mais variadas obras de uma multiplicidade de idiomas; e ao mesmo tempo começa a existir um novo tipo de literatura, ou seja, uma literatura proposta por migrantes que vivem na Alemanha (ou na Suíça ou na Áustria) e escrevem em alemão.

Conhece-se quase desde sempre o fenômeno do escritor que escreve em um idioma diferente da sua língua materna. Na maioria das vezes, essa constelação reflete fatos biográficos e pessoais, menos que tendências macro-históricas. E aqui reside a diferença, a novidade: a literatura alemã contemporânea escrita por não alemães é significativa em termos qualitativos e quantitativos - de tal maneira que foi dado a ela uma denominação específica. A denominação dessa literatura é “Chamisso-Literatur”.

Trata-se de uma homenagem ao escritor franco-prussiano Adelbert von Chamisso (1781-1838), autor da *História Maravilhosa de Peter Schlemihl*. Chamisso foi, junto com sua família, expulso pela Revolução Francesa, fugiu da França para a Holanda e mais tarde para Berlim, onde se estabeleceu mesmo depois da volta da sua família para a França. Entrou no serviço militar da Prússia, ganhou fama como viajante e botânico. Autor romântico, membro do grupo de Madame de Staël, Chamisso escreveu e publicou em alemão. A migração, neste caso forçada por circunstâncias políticas, e o fato do uso da língua estrangeira fazem com que Adelbert von Chamisso seja o “padrinho” ideal da literatura alemã escrita por autores não alemães.

A base histórica da literatura Chamisso é o Prêmio Chamisso de literatura, iniciativa do professor alemão Harald Weinrich junto com a Fundação Robert Bosch que financia o prêmio desde sua fundação em 1985. Precisamos contextualizar minimamente o nome de Harald Weinrich: professor de Romanística, linguista, teórico literário e autor de importantes antologias, ele trabalhou em várias universidades na Alemanha, dentre elas Kiel, Münster, Munique, entre outras. Em 1992 foi chamado para o Collège de France em Paris, fato inédito: foi o primeiro alemão a ser chamado para aquela instituição de alto prestígio. Publicou a *Gramática textual da língua francesa* em 1982 e, em 1993, a *Gramática textual da língua alemã* - ambas obras de referência da área. Foi na Universidade de Munique onde se estabeleceu o “Centro internacional de pesquisa sobre literatura Chamisso”<sup>3</sup>.

O primeiro autor agraciado pelo Prêmio Chamisso foi, em 1985, Aras Ören, autor turco. Além dele, outros quatro turcos ganharam o Prêmio Chamisso até 2001 (Yüksel Pazarkaya, Güney Dal, Emine Sevgi Özdamar e Zehra Cirak). Essa predominância dos autores turcos reflete bem a realidade social da República Federal da Alemanha a

---

3 Internationales Forschungszentrum Chamisso-Literatur

partir dos anos 60. Décadas mais tarde, a lista dos premiados parece ser o protocolo das mudanças geo-políticas e das novas constelações sócio-políticas na Europa. Depois da queda do Muro de Berlim e do colapso dos sistemas comunistas iniciou-se um processo abrangente de abertura cultural. No micro-contexto do Prêmio Chamisso isso significou a nomeação de cada vez mais autores dos países da Europa oriental: Hungria, Ucrânia, Rússia, Eslováquia, Eslovênia, República Tcheca, Polônia. Muito geralmente o Prêmio Chamisso, nos mais de 30 anos da sua existência, configura-se como um instrumento para entender melhor algumas tendências geo-políticas. Os autores turcos, para começar nos anos 80 e 90 do século passado, foram cidadãos turcos da segunda geração dos trabalhadores turcos vivendo na Alemanha.

610

A literatura Chamisso tem uma das suas bases na “Gastarbeiterliteratur”, composição nominal polêmica da língua alemã. “Gastarbeiter” foi a denominação do trabalhador do sul da Europa que migrou para a Alemanha; “trabalhador convidado” é uma tradução, um eufemismo ao mesmo tempo. Formalmente a denominação não é completamente errada: o Governo alemão, de fato, conduziu campanhas para recrutar mão de obra. Havia uma série de convênios governamentais entre a República Federal da Alemanha e Itália (1955), Espanha e Grécia (1960), Turquia (1961), Portugal (1964) e Iugoslávia (1968) com a finalidade de contratar, por tempo determinado, trabalhadores, principalmente homens, na maioria para serviços simples, sujos e pesados, ou seja, para trabalhos que os alemães, durante o “milagre econômico” dos anos 60, recusaram cada vez mais. As campanhas foram reduzidas com a recessão no final dos anos 60, com a crise do petróleo de 1973 as campanhas chegaram ao fim.

A designação “Gastarbeiter” caiu em desuso na Alemanha. Tampouco “Ausländer/Ausländerin” (estrangeiro/estrangeira) é considerado um termo politicamente correto. Atualmente mais aceito, porém bastante burocrático, é o termo “Bürger mit Migrationshintergrund”, ou seja “cidadão com histórico migratório”. Foi ainda na época do politicamente incorreto do “Gastarbeiter” que o escritor suíço Max Frisch se imortalizou através da frase emblemática: “Wir riefen Arbeitskräfte, doch es kamen Menschen.”, ou seja, “Nós chamamos mão-de-obra - mas chegaram seres humanos.”

A “Gastarbeiterliteratur” é o conjunto de produções literárias propostas por migrantes estrangeiros da primeira e segunda geração, produções literárias que trabalham em primeiro lugar o lado sofrido da existência do trabalhador longe da sua terra, longe da sua família, longe do seu idioma, em meio de uma cultura estrangeira e estranha. Os trabalhadores turcos inicialmente foram proibidos de trazer as famílias, queixa recorrente nos relatos dos homens. Eles planejam permanecer por dois, três anos na Alemanha para fazer uma economia e, em seguida, melhorar as condições de vida na Turquia. Aconteceu que decorreram cinco, dez, quinze anos e a família não voltou. Aconteceu que muitas famílias somente voltaram esporadicamente, nas férias, mas se estabeleceram no país distante, frio, pouco amado por eles. Constantes na “Gastarbeiterliteratur”, por exemplo no relato *Eine türkische Familie erzählt/Uma família turca relatada* de Levent Aktoprak e Deniz Özkan, são os conflitos entre pais e filhos, mais ainda entre pais e filhas, os papéis tradicionais dos adolescentes turcos numa sociedade liberal, a saudade conflitando com o reconhecimento das facilidades econômicas da vida na Alemanha, a perda do idioma pelos filhos nada bilíngues mas muitas vezes duplamente analfabetos, o medo da perda do trabalho, a identidade social, nacional, religiosa e familiar permanentemente em risco.

“Literatura Chamisso” não é um conceito consolidado. A historiografia mais comumente se refere a “Migrantenliteratur”:

Com autores em vários países de origem, principalmente no entorno da segunda geração dos trabalhadores industriais que imigraram da Turquia para a Alemanha Ocidental, desenvolveu-se uma “literatura de migrantes”, literatura de certa autonomia que, por um lado, tem como tema os problemas sociais deste grupo da população, e, por outro lado, consegue produzir, a partir da mistura linguística, obras de arte de caráter inovador. (JESSING, 2008, p. 243)<sup>4</sup>

Cita-se Feridun Zaimoglu e seu livro *Kanak Sprak. 24 Mißtöne am Rande der Gesellschaft*. Zaimoglu (Prêmio Chamisso 2005) com suas *Vozes da periferia da sociedade* é considerado o

---

4 Original: “Mit Autoren aus verschiedenen Herkunftsländern, v. a. im Umfeld der zweiten Generation der nach Westdeutschland eingewanderten Industriearbeiter aus der Türkei entwickelte sich eine eigenständige ‚Migrantenliteratur‘, die teils die gesellschaftlichen Probleme der Bevölkerungsgruppe thematisiert, teils in der Sprachvermischung zu neuartigen sprachlichen Kunstwerken abhebt.” Tradução W.H.

mais visível dos autores Chamisso. Entre esses escritores, ele é o mais presente articulador contra uma banalização do conceito do multiculturalismo, movimento frequentemente visto como meramente folclórico e politicamente ingênuo. Um artigo de Deniz Göktürk que se intitula “Das Spektakel des Multikulturalismus”/“Espectáculo do Multiculturalismo” e analisa a convivência de alemães e migrantes na Alemanha na virada do milênio: “Cerca de 9 por cento (7,5 milhões) dos habitantes alemães eram “estrangeiros” no ano de 2000.” (GÖKTÜRK, 2007, p. 1179). A obra de Zaimoglu (*Kanak Sprak*) e, em seguida, o movimento juvenil (“Kanak Atak”) se contrapõem à “retórica da diversidade enquanto enriquecimento e criam um próprio idioma contra qualquer incorporação multicultural” (GÖKTÜRK, 2007, p. 1184). Zaimoglu: “Os excluídos estão expostos a uma nova forma de usurpação: o conto de fadas da multiculturalidade.” (GÖKTÜRK, 2007, p. 1184). É então o estrangeiro que se recusa a ser incorporado, usurpado, devorado e que insiste na sua autonomia cultural<sup>5</sup>.

Há poucos anos a definição do Prêmio Chamisso ganhou um adendo. O simples fato de não ter o alemão como primeira língua não é mais suficiente para ser agraciado - é uma nova exigência ser autor ou autora cuja obra se destaca por uma mudança cultural (“Kulturwechsel”). Foi Dieter Lamping quem problematizou o nome de “Chamisso-Literatur” argumentando que o fato de não ter o alemão como primeira língua seria um aspecto meramente formal. Os autores premiados e

---

5 Escreve Néstor García Canclini, em sua obra *Culturas híbridas*: “A incerteza gerada pelas oscilações bilingüísticas, biculturais e binacionais tem sua equivalência nas relações com a própria história.” (CANCLINI, 2015, p. 321). No seu capítulo “Culturas híbridas. Poderes oblíquos, subcapítulo “Desterritorializar” ele reflete sobre o “caráter multicultural da cidade (que) se expressa no uso do espanhol, do inglês, e também nas línguas indígenas” (p. 320) se referindo à situação geográfica da fronteira entre o México e os Estados Unidos. O biculturalismo da cidade de Tijuana, pesquisada por Canclini no final dos anos 80, parece uma monocultura rígida em comparação ao mundo de hoje, especificamente em comparação aos grandes centros urbanos na Europa onde não acontece mais o encontro de duas, três culturas, mas de uma infinidade de conceitos nacionais e culturais. Canclini descreve a internacionalização latino-americana que “se acentua nas últimas décadas, em que as migrações não abrangem apenas escritores, artistas e políticos exilados, como ocorreu desde o século passado, mas populações de todos os estratos.” (p. 312) Néstor G. Canclini analisa o fato de que os proprietários de edifícios em Los Angeles são cada vez menos empresas estadunidenses mas conglomerados estrangeiros. Devido a esse fato Canclini reproduz uma colocação de Renato Rosaldo que, não por último, poderia servir para uma parte da literatura Chamisso. Rosaldo fala de uma “implosão do terceiro mundo no primeiro”, e continua “a noção de uma cultura autêntica como um universo autônomo internamente coerente não é mais sustentável”. (ROSALDO, apud CANCLINI, 2015, p. 314).

também aqueles não premiados não procuram reconhecimento pelo fato de produzir em um idioma diferente da língua materna, mas pela qualidade literária das suas obras. Além disso, segundo Lamping, os autores Chamisso teriam muito pouco em comum com Adelbert von Chamisso, autor de certo valor histórico mas, além disso, autor lembrado tão somente por uma única obra, a mencionada *História Maravilhosa de Peter Schlemihl*; os poemas de Chamisso, por exemplo, são ignorados e esquecidos. Chamisso, assim, não se presta, segundo argumenta Lamping, como figura de identificação.

A boa intenção, em primeiro lugar, do mentor do Prêmio Chamisso, o professor Weinrich, portanto, chegou a ser mal entendida como uma ligeira discriminação: não teria sido a obra literária a instância premiada, mas exclusivamente a circunstância de bom domínio do alemão por parte de um migrante. Esse raciocínio tem, muito atualmente, uma consequência drástica: a Fundação Robert Bosch anunciou, com data de 20 de setembro de 2016, o fim do Prêmio Chamisso em 2017, argumentando sua decisão da seguinte maneira: “Muitos desses autores querem ser valorizados hoje em dia exclusivamente pelas suas realizações literárias e não pelo contexto biográfico.”<sup>6</sup> Essa decisão causará polêmica, polêmica que circula e se dissemina desde o dia da publicação da decisão. Ilija Trojanow (Prêmio Chamisso 2000) está revoltado e lembra um aspecto essencial: “Criado quando Alemanha ainda insistiu firmemente em não ser um país de imigração, o prêmio acompanhou as mudanças históricas até os dias de hoje quando a Alemanha se define como importante e reconhecido país de imigração.”<sup>7</sup> O protesto foi previsível, no entanto, a justificativa da fundação tem certa lógica. Segundo o comunicado da fundação o prêmio “atingiu por completo seus objetivos originais”<sup>8</sup>. Ou seja, a mudança cultural se consolidou e se normalizou como fenômeno social de tal forma que não exige mais incentivo institucional. Neste sentido, o fim do Prêmio Chamisso significaria a emancipação do olhar de fora,

6 Börsenblatt des deutschen Buchhandels, 20.9.2016. Original: “Viele dieser Autoren wollen heute nur für ihre literarischen Leistungen gewürdigt werden, und nicht wegen ihres biografischen Hintergrunds.”

7 Original: “Gegründet, als Deutschland noch steif beharrte, kein Einwanderungsland zu sein, hat er die Wendungen der Zeitgeschichte begleitet, bis in die Gegenwart, in der Deutschland sich als führendes Einwanderungsland etabliert.” (Frankfurter Allgemeine Zeitung, 21.9.2016).

8 Original: “seine ursprüngliche Zielsetzung vollständig erfüllt”. (Frankfurter Allgemeine Zeitung, 21.9.2016).

a normalização do estrangeiro, a domesticação do exótico.

A literatura Chamisso, persisto na denominação, resulta de movimentos migratórios de grandes proporções. É menos a decisão pessoal de um Ionesco de se mudar para Paris ou de um Wilcock de morar na Itália, de um Samuel Beckett de escrever em francês, por sua razão bem específica. Os atuais escritores Chamisso, em muitos casos, fazem parte das populações à deriva, dos grupos étnicos sem opção e sem lugar para ficar. Ainda: quem salvou a própria vida, ainda não salvou necessariamente a própria língua. É o caso do autor Saša Stanišić que testemunha a impossibilidade de descrever suas experiências da guerra da Bósnia em uma das línguas das partes envolvidas no conflito. Era preciso recorrer a um idioma neutro - por isso o emprego do alemão. Somente assim o escritor conseguiu se posicionar de maneira adequada.

614

O ocidente trata os movimentos migratórios como algo novo. Na verdade, o que é novo é a nossa percepção um pouco mais concentrada. Ignoramos, em grande parte, as migrações na Ásia e na África, refletimos movimentos de emigração a partir do continente europeu, mas consiste em privilégio da nossa época questionar a solidez de fronteiras nacionais e confrontar isso com a ideia de que o indivíduo globalizado pobre precisa escolher o seu lugar para viver e trabalhar. É tão nova a tendência que o assunto aparece apenas de forma marginal, por exemplo, na Teoria da Literatura de Terry Eagleton. A palavra “migrações” aqui somente é usada uma única vez. Cito:

O colapso dos grandes impérios europeus, sua substituição pela hegemonia econômica mundial dos Estados Unidos, a inabalável erosão do Estado-nação e das fronteiras geopolíticas tradicionais, juntamente com as migrações globais em grande escala e a criação das chamadas sociedades multiculturais, a crescente exploração de grupos étnicos no Ocidente e nas sociedades “periféricas” em outras partes do mundo, o imenso poder das novas corporações transnacionais - tudo isso vem se desenvolvendo a passo acelerado desde a década de 1960, produzindo uma verdadeira revolução em nossas noções de espaço, poder, linguagem e identidade. (EAGLETON, 2006, p. 357s.)

Sabemos hoje que os processos são mais violentos do que parece nesta avaliação de Eagleton proposta em 1983: tem a erosão sim, mas ao mesmo tempo observamos a tendência de solidificar e reerguer as fronteiras.

Na história alemã, talvez europeia, a rejeição do estrangeiro, segundo mencionava Goethe, reduziu, deste então, por incrível que pareça. O estrangeiro, de fato, é devorado, para de novo usar a dicotomia de Goethe. O grau de xenofobia e xenofilia parece depender estritamente da situação econômica de um país. Recessão gera medo de perder o próprio emprego e aumenta a rejeição do imigrante pela população nacional; *boom* econômico, por outro lado, permite um grau maior de aceitação da imigração por não colocar em risco a própria existência econômica do local. Independentemente da economia, no entanto, uma sociedade cível, pode cultivar um discurso sobre migração, mudança populacional, sobre tolerância e respeito. Ou pode ignorar a tendência mundial em direção ao pós-nacional. Os intelectuais alemães grosso modo não aceitam mais qualquer monopólio da política e, pelo contrário, conduzem as respectivas discussões. Um pequeno exemplo: a revista *Kulturaustausch - Zeitschrift für internationale Perspektiven (Intercâmbio cultural - Revista para perspectivas internacionais)* dedicou uma das mais recentes edições exclusivamente ao tema de “Ich und alle anderen - Die neue Suche nach Zusammenhalt” (“Eu e todos os outros - A procura por união e pertencimento”). Na capa aparecem os nomes dos autores, são: Pankaj Mishra, Shereen El Feki, Laurie Penny, Lee Shui Chuen, Mukoma wa Ngugi, Adania, Shibli, Franco Berardi. Ou seja, o atual debate cultural na Alemanha não rejeita, mas devora - finalmente!

A Alemanha dos anos 80 e 90 foi percebida, mundo afora, como país xenófobo, nacionalista; continuação, na verdade, da história fatal do nazismo. Foram incendiados, por grupos da extrema direita, casas e prédios em diversas cidades alemãs. Hoyerswerda, Rostock e Mölln ganharam uma fama triste e são até hoje lembradas como sinônimos do horror xenófobo. Em maio de 1993 morreram cinco pessoas da mesma família turca no incêndio posto por neonazistas na cidade de Solingen. Vale a pena documentar como a sociedade se rebelou contra os crimes da direita: houve manifestações com centenas de milhares de pessoas participando em Colônia, cidade vizinha de Solingen. Houve espontaneamente um movimento popular antirracista, um conjunto de associações intitulado, no dialeto de Colônia, de “Arsch huh - Zäng ussenander”, lema que poderia ser traduzido como “Levante-se e abra a sua boca!” Houve e ainda há uma constante reflexão sobre o próprio e o outro, reflexão baseada em experiências práticas e, ao

mesmo tempo, históricas. Faz parte do discurso oficial da Alemanha a questão da culpa coletiva pelo advento do nazismo e, em seguida, pelo holocausto; tornou-se lugar comum afirmar que não, culpa coletiva não existe, o que vigora, isso sim, é a responsabilidade de fazer tudo para evitar a repetição da história. Reconhecendo todas as deficiências da atualidade, inclusive tendências xenófobas e intolerantes, o apelo à responsabilidade contribuiu para uma sociedade aberta, global e cada vez menos provinciana. Um grafite dos anos zero ilustra essa abertura: “Alle Menschen sind Ausländer - fast überall!” (“Todos os homens são estrangeiros - quase em todos os lugares!”)

Pouco refletida é a relação entre a literatura alemã de imigração das últimas décadas por um lado, e, por outro, a literatura do exílio, uma literatura digamos da emigração. As perseguições mais diversas motivam movimentos migratórios. A atual “cultura do bem-vindo” (“Willkommenskultur”), conceito fortalecido em primeiro lugar pela chanceler Angela Merkel no decorrer da “crise dos refugiados” (“Flüchtlingskrise”) em 2015 e 2016, tem vínculo inegável com a história alemã dos anos 30 e 40 do século passado quando judeus foram obrigados a fugir do nazismo. Um dos acontecimentos mais desprezíveis da história cultural teve lugar no dia 10 de maio de 1933: a queima de livros de autores banidos. A queima dos livros nas universidades aconteceu já em abril daquele mesmo ano. A “Associação Alemã dos Estudantes Universitários” (“Deutscher Studentenbund”) publicara uma lista com “12 teses contra o espírito anti-germânico”. A Tese 5 dizia: “Schreibt der Jude deutsch, dann lügt er.” (“Quando o judeu escreve em alemão, ele mente.”) A proposta da associação: “Obras de judeus devem ser lançadas em hebraico. Se foram publicadas em alemão precisam ser identificadas como tradução. (...) A escrita alemã está exclusivamente à disposição de alemães” (WEIDERMANN, 2008, p. 15).

Finalmente, seria de se considerar que com a literatura Chamisso se fecha um círculo dentro da historiografia da literatura alemã. A tentativa de incluir de alguma maneira o pensamento de autores não alemães, manifestadas em alemão é, não por último, uma compensação e uma resposta à exclusão bárbara dos autores judeus de língua alemã, de nacionalidade alemã, de cultura alemã.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AKTOPRAK, Levent/ÖZKAN, Deniz. *Eine türkische Familie erzählt*. Leverkusen: Kulturamt der Stadt, 1988.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut (Título original: *L'épreuve de l'étranger*). Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão (Título original: *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar y Salir de la Modernidad*). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Marina Appenzeller (Título original: *La République mondiale des Lettres*). São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.

CHAMISSO, Adelbert von. *A História Maravilhosa de Peter Schlemihl*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari (Título original: *Peter Schlemihls wundersame Geschichte*). São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2003.

BÖLL, Heinrich. *Pontos de vista de um palhaço*. Tradução de Paulo Soethe (Título original: *Ansichten eines Clowns*). São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2008.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura. Uma Introdução*. Tradução de Waltensir Dutra (Título original: *Literary Theory*). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERRANTE, Elena.

GÖKTÜRK, Deniz. "Das Spektakel des Multikulturalismus. In: David E. Wellbery et alii. *Eine neue Geschichte der deutschen Literatur*. Berlin: Berlin University Press, 2007, p. 1178-1185.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Maximen und Reflexionen*. Werke Hamburger Ausgabe. Band 12. München: Verlag C. H. Beck, 1982.

GRASS, Günter. *O Tambor*. Tradução de Lúcia Alves (Título original: *Die Blechtrommel*). São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1982.

HARATISCHWILI, Nino. *Das achte Leben (Für Brilka)*. Frankfurt am Main: Frankfurter Verlagsanstalt, 2014.

JESSING, Benedikt. *Neuere deutsche Literaturgeschichte*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2008.

KEHLMANN, Daniel. *A Medida do Mundo*. Tradução de Sonali Bertuol (Título original: *Die Vermessung der Welt*). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LAMPING, Dieter. “Deutsche Literatur von nicht-deutschen Autoren. Anmerkungen zum Begriff der ‚Chamisso-Literatur‘”. In: Chamisso. *Viele Kulturen – eine Sprache*, No. 5/2011 p. 18-21.

LENZ, Siegfried. *Die Deutschstunde*. Hamburg: Hoffmann und Campe, 1968.

SCHALANSKY, Judith. *Der Hals der Giraffe*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2011.

SCHLINK, Bernhard. *O Leitor*. Tradução de Pedro Süssekind (Título original: *Der Vorleser*). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

STANIŠIĆ, Saša. -[http://oglobo.globo.com/cultura/livros/as-guerras-de-diego-vecchio-sasa-stanisic-16643567?utm\\_source=WhatsApp&utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=compartilhar](http://oglobo.globo.com/cultura/livros/as-guerras-de-diego-vecchio-sasa-stanisic-16643567?utm_source=WhatsApp&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar) (Acesso: 2.10.2016).

TIMM, Uwe. *À Sombra do meu Irmão*. Tradução de Gerson Roberto Neumann e Willian Radünz (Título original: *Am Beispiel meines Bruders*). Porto Alegre: Dublinense, 2014.

TROJANOW, Ilija. *O Colecionador de Mundos*. Tradução de Sergio Tellaroli (Título original: *Der Weltensammler*). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TROJANOW, Ilija. “Ade, Chamisso-Preis?” In: Frankfurter Allgemeine Zeitung 21.9.2016 - <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/debatten/kritik-an-bosch-stiftung-ade-chamisso-preis-14443175.html> (Acesso: 2.10.2016)

WEIDERMANN, Volker. “Planet Deutschland”. In: *Der Spiegel* 22/2015, p. 100-104.

WEIDERMANN, Volker. *Die verbrannten Bücher*. Köln: Kiepenheuer und Witsch, 2008.

ZAIMOGLU, Feridun. *Kanak Sprach. 24 Mißtöne am Rande der Gesellschaft*. Hamburg: Rotbuch, 2004.